

Instantes Cruzados

Episódio 7

Abrindo o panorama - Um novo Rio de Janeiro

Fotografia de Marc Ferrez

Coletivo convidado: Mão na lata

Direção Sergio Bloch
Roteiro Betânia Furtado
Apresentação Milton Guran
Produção Ocean Films

MILTON GURAN, em primeiro plano, fala para câmera.

GURAN: A fotografia, primeira imagem técnica que surgiu, transformou o mundo. Hoje, que vivemos na civilização da imagem, é difícil pensar que há pouco mais de 150 anos, nada disso existia. No nosso programa nós selecionamos, para cada episódio, uma imagem emblemática da história do Brasil e convidamos um fotógrafo para se inspirar nela. Vamos juntos viver a magia da fotografia e do fazer fotográfico.

[Sala]

GURAN: No programa de hoje, vamos falar de Marc Ferrez, fotógrafo brasileiro, de origem francesa, que foi talvez o principal nome da fotografia no Brasil no século XIX. Famoso, sobretudo, pelas suas paisagens. Para dialogar com o Marc Ferrez, nós convidamos nada mais, nada menos do que um coletivo: o coletivo Mão na Lata. O Mão na Lata é coordenado por Tatiana Altberg, fotógrafa, designer, artista visual, autora do Sí por Cuba, ganhadora do Prêmio Funart de Criação artística e do Rumos Itaú Cultural. Tatiana criou esse projeto do Mão na Lata em parceria com a OSCIP Redes da Maré em 2003, portanto, há quase 15 anos, e desde então vem desenvolvendo um intenso programa de educação através da imagem. Então, Tatiana, e o Mão na Lata, como estamos?

TATIANA: Bom, primeiro, obrigado pelo convite, e a gente está aqui com parte do Grupo Mão na Lata. O Mão na Lata começou com uma vontade minha de circular pela cidade e de trabalhar com a fotografia de uma forma mais colaborativa. Eu tinha uma amiga que fazia um trabalho de teatro na Redes da Maré e me contava muito sobre as coisas que aconteciam, e aí eu fui e propus uma oficina de fotografia. A gente tinha lá um lote de papéis fotográficos vencidos, de 96, e química. Eu havia feito pinhole, que é essa técnica artesanal de fotografia na

faculdade. Como é o que a gente tinha pra trabalhar, eu falei ~"bom, vou retomar o pinhole". Esse nome vem, na verdade, da câmera que a gente usa, que é feita a partir de uma lata. É uma fotografia feita sem lentes, como uma câmera construída pelos próprios participantes das oficinas.

GURAN: Eis a lata que faz foto. Uma lata comum, pode ser de conserva, de leite? Como é isso, Fagner?

FAGNER: A gente veda de preto, tudo por dentro, para que não tenha reflexo de luz, e faz um furinho de agulha. Por esse furinho de agulha que passa a luz e grava a imagem no papel fotográfico. A gente fecha, e usa um elástico de segurança para que a tampa não saia. E a gente sai às ruas e encontra uma imagem que quer fotografar e tira a fitinha. E começa a contar um tempo a partir de outros testes também. Acabou de contar, fecha a fita e leva com todo o cuidado para o laboratório.

GURAN: E aí acontece o que, Jonas?

JONAS: Quando a gente tira, tem as três químicas, que é o revelador, primeiramente, para aparecer a imagem; depois tem o interruptor, para que a imagem pare de revelar, se não ela estraga, fica totalmente negra; e um fixador, para que essa imagem dure anos.

GURAN: Quando a luz bateu, ficou preto, e o resto ficou branco, então essa imagem está em negativo. Vamos lá Jailton, explica para a gente o fim do processo.

JAILTON: Existem duas formas de tornar o negativo positivo. A primeira é pelo laboratório, com o contato. E a outra é no computador, escaneando a foto do negativo pra transformar ela no positivo. É o que a gente mais usa, porque dá para editar ela, ampliar a foto - o que é branco fica preto, o que é preto fica branco.

GURAN: Vocês devem estar se perguntando, e o pessoal de casa também, por que o Mão na Lata, justamente um coletivo que trabalha com a fotografia analógica do processo mais artesanal possível, para dialogar com alguém como Marc Ferrez? O Marc Ferrez nasceu numa família de artistas. O pai dele veio para o Brasil naquele grupo da missão francesa, que veio com o D.João, que introduziu aqui o estudo sistemático das artes plásticas no Brasil. Então o Marc Ferrez já nasceu nesse caldo de cultura, da cultura de elite; e o pai dele morreu muito cedo, e ele foi para a França, foi criado lá. Voltou para o Brasil acho que com 19, 20 anos, já fotógrafo, já conhecendo a fotografia, e ele teve a oportunidade de acompanhar todo o desenvolvimento tecnológico da fotografia. Ó, eu quero,

particularmente, mostrar uma coisa para vocês, que é a grande invenção do Marc Ferrez. Essa é uma das grandes panorâmicas do Marc Ferrez. Ele aperfeiçoou a técnica fotográfica para poder montar tudo isso, está vendo essa montagem aqui? Olha só o grau de definição, de detalhe, que tem tudo isso. A gente parte dessa fotografia, tecnicamente, muito sofisticada, que tem como objetivo registrar cada detalhe, para a fotografia de vocês, que é pura emoção artesanal. Vamos ver um pouco da foto de vocês?

TATIANA: Claro.

GURAN: Vamos? Aqui nós temos o Mão na Lata e o Berro D'água.

TATIANA: Esse é o primeiro trabalho, primeira incursão na literatura que a gente fez, e com resultado assim impresso. Esse livro é uma tradução do universo do Quincas Berro D'água, do romance A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água, do Jorge Amado.

GURAN: E as frases são ótimas. "Num bar, um dia nunca é igual ao outro. A cada garrafa, uma nova história". Aí surgiu esse trabalho de mais fôlego: Cada dia meu pensamento é diferente. Como surgiu um livro dessa qualidade?

TATIANA: Esse foi um edital que a gente ganhou em 2011, na verdade. Com esse apoio, a gente pôde fazer esse percurso, que teve duração de um ano, a partir de contos e crônicas do Machado de Assis.

GURAN: Jonas, em matéria de imagem você realmente inventa. Aqui, essa sua imagem, por exemplo, você conectou o headphone no livro, é isso?

JONAS: É.

GURAN: Para chegar a essa frase incrível, aqui: "Quando abro os olhos pela manhã, ouço o silêncio dos meus pensamentos". Não, mas espera aí. A gente vem aqui discutir sobre a pinhole e cai nesse nível de literatura. Olha, parabéns a vocês, viu? Eu tenho um desafio à altura de vocês. Meus amigos e minha amiga, vocês sabem que o Marc Ferrez fotografou paisagem, ele fotografou africano escravizado, índio, ele fez portrait da elite, do imperador, ele fotografou obras públicas, pelo país inteiro. Enfim, ele trabalhou durante várias décadas e produziu uma obra copiosa. O nosso desafio para vocês é que vocês mergulhem na obra do Marc Ferrez e vão tomando como base esse magnífico panorama...

TATIANA: Ai, que lindo.

GURAN:...do Rio de Janeiro. Pode pegar, a magia do toque. Isso.

TATIANA: Aqui, ó.

GURAN: Vai lá. É essa obra que eu gostaria que vocês vissem com calma, mergulhassem nele. Vocês seduziram a gente com a capacidade de produzir textos. Vocês topam produzir uma frase para acompanhar a foto que vocês vão fazer?

TATIANA: Sim, claro.

JAILTON: Dá para ver o Pão de Açúcar sem bondinho, o Corcovado sem o Cristo.

JONAS: Deve ter mudado bastante, mas acho que tem como chegar aí e tentar resgatar pelo menos um pouco.

FAGNER: Eu acho que vai ser bom pra gente exercitar também o nosso olhar e o nosso pensamento.

[INTERVALO]

[COMPLEXO DA MARÉ - RJ]

TATIANA: Então, pra gente tentar fazer alguma coisa que se aproxima desse ponto de vista da imagem a gente ficou achando que talvez fosse interessante aumentar o tamanho do negativo. Daí a gente construiu junto, no último encontro, essa câmera. O Fagner trouxe essa lata, e a gente achou que fazia mais sentido, por ser uma lata, Mão na Lata. E ela tem uma alcinha. Super prática! A gente poderia ficar pirando muito tempo em câmeras possíveis, só que eu acho que a ideia foi mais aumentar o formato de captação para se aproximar de alguma coisa dele, mas sem perder a nossa...sei lá...

JONAS: A nossa assinatura.

TATIANA:...a nossa marca também. A nossa assinatura. Como a gente viu em algumas fotos do Marc Ferrez, na última vez que a gente estava junto, que tem algumas imagens que para ser panorâmica ele vai juntando imagens, a gente pensou que de repente a gente podia fazer isso mas já fotografando com duas, de repente prender, o que que vocês acham? Essa emenda, pode ser que ela fique ruim, mas é só testando. Vamos testar?

FAGNER: Claro.

JONAS: Aqui dá pra pegar bastante coisa.

FAGNER: Eita! Abriu.

FAGNER: Pode acender a luz, já.

TATIANA: Então, gente, o que vocês acharam do resultado? Pensa na foto que a gente vai fazer lá, o que que tem mais ou menos no centro do quadro, quem está lá?

JONAS: O Pão de Açúcar.

TATIANA: Pois é, e aí a gente vai ter uma linha no meio do Pão de Açúcar?

JONAS: A gente pode trazer ele para um lado só, para um lado ou para o outro.

TATIANA: Imagina as fotos mesmo que a gente viu do Ferrez, que são algumas fotos juntas. São várias fotos, mas nada está no centro. Eu não sei, eu achei demais ver ela grandona assim, é uma sensação maneiríssima, mas me incomoda muito isso. Eu acho que a gente ainda tem que pesquisar mais.

[INSTITUTO MOREIRA SALLES]

TATIANA: Ó a nossa foto!

FAGNER: Pode crer.

TATIANA: Será que essa mata continua existindo?

FAGNER: Deve ter muito mais prédios agora.

AILTON: Olá, pessoal, tudo bem? O meu nome é Ailton e eu trabalho aqui no Instituto Moreira Salles. Já estive nesse lugar, e fui com o equipamento de grande formato e fiz fotografias desse ponto com técnicas em albumina, que era a técnica, na época, utilizada pelo Ferrez. É um lugar que fica em Niterói, num forte. Na verdade, nessa época aí já era do exército. De lá, não sei se tem outro ponto de vista que você tenha isso aqui, a arquitetura divina da cidade está toda aqui. Você tem os Dois Irmãos, a Pedra da Gávea, você tem o Pão de Açúcar, o Corcovado, e eu descobri...

TATIANA: Quando você fez a foto, você conseguiu essa nuance toda aqui?

AILTON: Sim, sim, sim.

TATIANA: Você tem essa câmera, ou algo parecido com ela, aqui?

AILTON: A gente tem a câmera no acervo, e a gente também tem a fotografia original de época.

AILTON: Essa câmera aqui é uma câmera com um formato 8,5 por 15 polegadas, que vai dar mais ou menos o formato daquele negativo que a gente viu lá fora. Foi a câmera que eu utilizei para fazer aquela minha pesquisa quando eu estava fotografando, e queria ter praticamente a mesma experiência que ele teve, assim, sabe? Você tem esse back aqui que você, previamente, no laboratório, você já vai ter carregado com o filme fotográfico. Na verdade o dele era de madeira, mas isso é a mesma coisa, a mesmíssima coisa. Cada back desse você consegue colocar duas chapas de filme. Você vai tirar essa parte aqui. Exposto o filme, guarda aqui, ok? E aqui você tem uma outra chapa de filme, que você pode fazer uma outra, diferente, pra quando você chegar no laboratório, você não ter nenhuma surpresa. Quando você vai para o campo com uma máquina dessa, tudo o que você não quer é errar, você quer acertar.

JONAS: Pena que o Ferrez não escreveu tanto, para saber qual era o sentimento dele fotografando.

AILTON: Ah, isso eu também queria saber.

BURGI: O acervo que hoje está reunido aqui no Instituto Moreira Salles são mais de 5 mil negativos em vidro, que é o menor formato de produção dele, é o formato 18 por 24 cm, que é esse negativo. Ele também trabalhou com formatos 24 - 30, 21 por 37, e até 40 por 50 cm. O Ferrez, até final de 1870, ele trabalha com negativos em colódio, que são negativos onde você tem que preparar a emulsão, digamos assim, e recobrir o vidro, no momento em que você vai fotografar. Vocês estão num processo onde esse fazer, expor, ou, enfim, esse manipular os materiais tem muito a ver com o que era a fotografia do período.

JONAS: Ele não era só um fotógrafo, registrava e saía. Tinha uma busca. Então, a gente pode levar várias câmeras, e fazer essa mesma busca. Meio que um tributo maior a ele, fazer isso.

BURGI: É o que vocês estão fazendo, quer dizer, você tem um instrumento que, na verdade, ele pede quase que uma pré-visualização. De certo modo, você tem que resolver questões da imagem antes de operar o teu aparato assim. A prática da fotografia foi se transformando um pouco no oposto.

BURGI: Eu acho que essa relação dele com a paisagem natural da cidade é super relevante. Tem o sentido panorâmico, que eu acho que é algo que está muito presente no trabalho dele o tempo todo. Quer dizer, ao mesmo tempo que é uma panorâmica, ela tem um efeito de tele, assim. Quer dizer, esse plano aqui, desse lado da baía, a meio, próximo do plano do outro lado.

TATIANA: Mas a gente até...quando você falou isso, deu um plim! Porque a gente está trabalhando com um latão, e esse latão, justamente, ele fica mais tele do que a latinha. Só que ao mesmo tempo ele continua sendo uma grande-angular. Hoje a gente estava fazendo esse teste de aumentar um pouco o papel para aumentar mais a área, e ele dá a curvatura que a gente usa no pinhole. Enfim, eu acho que deu...eu não sei se você sentiu a mesma coisa.

[INTERVALO]

TATIANA: Será que a gente vai chegar nesse ângulo aqui?

JAILTON: Acho que não.

TATIANA: Bom, aqui ainda está bem baixo.

FAGNER: Acho que não é aqui, não.

JAILTON: Acho que não é aqui, também, não.

TATIANA: Cara, olha que "visu".

TATIANA: 1775, cara. Um tempo.

TATIANA: Uau, gente. Bom, a gente não sabe quanto que a gente vai ver disso, e outra coisa, a gente não tem esse controle. Provavelmente a câmera vai pegar mais. A gente tem que olhar mesmo quando chegar lá. Acho que a gente vai tentar imaginar o que que vai sair pra que chegue o mais próximo possível.

JAILTON: É, eu acho que o jeito vai ser lá mesmo, porque pra enquadrar aqui ó, a gente tem que ser jogado pra lá.

TATIANA: E acho que pelo ângulo da foto, vocês...

JAILTON: Pelo ângulo das montanhas..

TATIANA:...vocês têm razão. Não foi daqui a foto. É muito parecido, mas não é esse ângulo. Não tem como encaixar as mesmas proporções disso. Essa daqui é o Dois Irmãos, né?

FAGNER: Isso.

TATIANA: E essa daqui é a Pedra da Gávea. Não dá pra ver a Pedra da Gávea daqui. É isso. Vamos fazer o mais próximo disso a partir do que a gente tem aqui.

TATIANA: E a gente chegou à conclusão de que não foi daqui que a foto foi feita. Então a gente ficou tentando achar uma aproximação e fugir desses elementos contemporâneos: antena,

grade. Na verdade, desde que a gente começa a fotografar com pinhole, a gente vai observando a qualidade da luz, como que está incidindo em cada superfície, se é uma coisa clara, escura - é a mesma lógica da fotometragem de uma câmera. Pode acontecer de ser superexposto ou de ser subexposto; mesmo a gente tendo experiência, acontece. A gente pensou em botar 20 em uma...

FAGNER: E 45 na outra.

JONAS: Acho que 20 é muito pouco. Muito pouco.

FAGNER: Não, não acho, não. A gente está com...bem aberto. Tem bastante luz.

JONAS: Então, gente. Olha...estou tirando. Tirei.

TODOS: 1, 2, 3, 4, 5, 6...

FAGNER : É, a gente construiu seis latas, e a gente usou todas essas seis para tentar localizar cada ângulo diferente do mesmo ponto. E a gente construiu só uma dessas um pouco maior, que era uma lata bem, bem grande mesmo, que aproximava um pouco, dava um pouco de visão de tele da imagem.

TATIANA: Então, a derradeira. Vamos abrir? Eu acho que vai dar certo, mas assim, a gente tem uma situação da paisagem, que está complicada hoje, porque tem uma espécie de névoa. A olho nu, a gente já não vê o recorte das montanhas ali, onde tem o Corcovado. Então, com o pinhole, eu acho bem provável que menos ainda.

JONAS: Fico pensando se o Marc Ferrez pensava que outras pessoas iriam onde ele foi, um dia, para fotografar, muitos anos depois, e fazer homenagem a ele. E se, um dia, outra pessoa vai fazer uma homenagem à nossa homenagem.

[COMPLEXO DA MARÉ - RJ]

TATIANA: Eita, nós. Então agora é a grande.

TATIANA: Geralmente a gente escaneia. E aí, depois disso, a gente tem o arquivo digital, e aí dá para fazer algum tratamento de recuperar algumas informações que não estão no negativo tão aparentes, mas que tratando o positivo talvez a gente consiga trazer um pouquinho. Eu vejo que essa vegetação tem nuance, está vendo? Na mata. Ali está mais claro, vai ser mais difícil, mas ali ainda tem alguma informação, então a gente talvez vá conseguir trazer alguma coisa.

[ESCRITÓRIO DO GURAN]

GURAN: E aí, pessoal? Como é que foi dialogar com o Marc Ferrez?

TATIANA: O desafio começou pela construção da câmera. A gente resolveu criar uma outra câmera, que não é a câmera que a gente usa normalmente.

GURAN: Por que, hein, vocês criaram uma nova câmera?

FAGNER: A gente procurava uma horizontalidade um pouco maior. A gente queria um pouco mais horizontal que mostrasse um pouco mais...

GURAN: Mais para o panorama...

FAGNER: Exatamente. Essa imagem mais panorâmica, que pudesse mostrar um pouco mais, e se aproximar da imagem do Ferrez.

TATIANA: Tinha uma tentativa também de ter um negativo maior, de ter um original maior, de onde seguir. A gente achou que talvez a gente conseguisse mais definição, assim, para se aproximar da busca também dele de mais definição.

JONAS: Foi uma experiência muito boa porque tinha a foto dele, depois a nosso foto assim, do pinhole, que parece mais antiga do que a dele, entendeu?

GURAN: Realmente, o pinhole parece mais antigo do que o original. Bora lá ver a foto? Eu fiquei curioso.

TATIANA: Sim, sim, sim.

GURAN: Ah, uma beleza! A fotografia é esse espaço mágico, né? Você vê...bom, é claro, o Pão de Açúcar domina a foto, e aí você tem um ramozinho assim, um galhozinho que sobe, que dirige o seu olhar pro Pão de Açúcar, e você tem esse brilho da onda aqui, que dirige o seu olhar para a base desse arbusto. E aí você cria uma espécie de triângulo visual aqui. Muito bom, viu? Isso foi com o latão ou com a lata média?

TATIANA: Essa foi com a lata média. O latão era um negócio assim, grandão.

GURAN: Vocês fizeram um furinho, botaram o papel lá dentro; esse papel deu um negativo; e aí viraram ele digitalmente, e imprimiram ele assim.

TATIANA: Isso, isso, isso, isso.

GURAN: Quer dizer, nós temos um processo que começou na

Antiguidade, passou pelas químicas do século XIX e do século XX, e terminou pelos pixels e megapixels do século XXI.

TATIANA: Isso.

GURAN: Agora, vem cá, estou me lembrando agora. Tinha uma frase no desafio.

TATIANA: Tinha?

GURAN: Não tinha?

FAGNER: Tinha.

GURAN: Tinha uma frase?

JAILTON: Tinha uma frase.

GURAN: Cadê a frase?

JAILTON: A imagem do Ferrez foi nosso mapa para irmos em busca de um tesouro. As nossas latas, um portal para outra época. E a imagem que fizemos, uma ponte, conectando dois mundos. Unindo águas. A maré e o rio.

GURAN: Bonito. Bonito. Lata e letras, muito bom. Quando você fala "a maré e o rio" pode ser a maré do mar..

JAILTON: Isso,

GURAN:...e o rio da vida. Ou pode ser a Maré, a comunidade na qual o projeto está inserido; e o Rio ser o próprio Rio de Janeiro. Então essa ambiguidade também joga a frase no terreno do mágico. Vamos ver a foto do Ferrez, vamos ver a foto do Ferrez. Olha, com todo o respeito ao Ferrez, a foto do Ferrez é careta. A foto de vocês é doida. Isso aqui mostra aquele espírito cartesiano, o império absoluto da técnica e da razão. Ele era quase francês, e vocês são super cariocas. E como foi juntar em uma única imagem? Vocês só fizeram essa? Como é que foi?

TATIANA: A gente fez vistas de vários pontos tentando entender o que ficaria mais próximo. Teve uma em específico, que é essa aqui, ó, que a gente ficou muito na dúvida entre escolher essa, que a gente acabou escolhendo, e essa daí. Essa foto, que a gente acabou não escolhendo, tem mais a ver com a nossa viagem do pinhole, de deixar a realidade um pouco menos real.

GURAN: Pra saber fazer um pinhole desse aqui tem que ter furado muita lata. Então, pessoal, parabéns. Muito obrigado!

TODOS: Obrigado.

GURAN: E você que está em casa já sabe. Instantes Cruzados,
sempre um novo desafio.